

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## MULHERES DE SANTO NEGRAS: ESTEIOS DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA

Naiara Aparecida da Natividade dos Santos

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

[naiara\\_natividade@hotmail.com](mailto:naiara_natividade@hotmail.com)

**RESUMO:** O Brasil tem uma grande dívida histórica para com os negros, para as mulheres negras uma das grandes consequências desse fato é a invisibilidade desde sua estética até a contribuição a formação histórica do país. A memória relacionada a mulheres negras está basicamente ligada ao sistema de escravidão ao qual foram impostas. Se faz necessário identificar a importância dos saberes ancestrais dessas mulheres para a preservação da memória afrodiáspórica no Brasil. Mulheres de luta que pela via da religiosidade contribuíram para a construção desse país. O artigo parte de um levantamento bibliográfico entre livros, revistas e jornais. Ao perceber essas mulheres velhas como ancestrais, mulheres com muitas experiências, as que vieram antes e preparam todo terreno para nós mulheres negras da contemporaneidade ser o que somos. Aqui veremos a mulher negra de santo como esteio e alicerce da identidade cultural afro-brasileira, uma reflexão sobre o papel de guardiãs e propagadoras de saberes e conhecimentos ancestrais que ajudou a construir e preservar a História da população afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Memória feminina, memória afro-brasileira, mulher negra de santo

### INTRODUÇÃO

A cena política construiu-se recusando às mulheres a condição de sujeitos, e isto dá outro relevo a toda intervenção feminina em qualquer acontecimento do qual as mulheres participaram, fora do lugar que lhes é tradicionalmente atribuído. Nota-se que, na sociedade democrática contemporânea, vem ocorrendo uma melhoria progressiva da condição feminina nestes últimos séculos. Mas, por outro lado, observa-se que as lutas feministas forçaram a democracia e a sociedade industrial a integrarem as mulheres nos seus campos respectivos, quebrando, assim, a repartição binária dos papéis sexuais, em proveito do direito de escolha individual.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

No que se refere ao campo da História, cabe lembrar a pressão bem-sucedida das historiadoras feministas com vista a revisões de uma História que, centrada na noção de sujeito universal, manteve as experiências de outros sujeitos, em particular das mulheres, em variados processos de invisibilização. No empenho de recuperar o tempo perdido, as historiadoras tomaram consciência das dificuldades no acesso ao conhecimento da participação das mulheres nas diferentes esferas da sociedade, já que sua presença nos arquivos públicos se mostra extremamente reduzida.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é refletir e identificar a contribuição de mulheres de santo negras para memória e história afro-brasileira, mulheres que possuem peculiaridades de uma tradição baseada na epistemologia da ancestralidade e que foram inferiorizadas por causa do seu gênero, raça, classe, geração e religião. Essas mulheres, por considerarem e se orgulharem de um conjunto de elementos de sua herança afro-diaspórica, foram estigmatizadas com as marcas da demonização, por não seguir a cultura cristã imposta pelos colonizadores como única fé legítima. Além disso, elas foram marcadas como pessoas que não possuíam a habilidade da intelectualidade, isto é, de aprender e produzir conhecimento. O uso da memória é um meio de preservação da história e cultura social a conduzir essas mulheres como esteios da memória afro-brasileira.

## **A memória feminina: mulheres negras entre falas e silêncios**

A historiografia recente tem demonstrado que pessoas comuns, seus costumes e seu cotidiano podem condensar uma significativa densidade narrativa. Entrar no processo de questionar os valores analíticos das estruturas e das relações, os modos de produção e a história traz à tona histórias de vida e sujeitos individuais. Nesse sentido, a memória e a História tornam-se ferramentas importantes nessa tarefa, pois elas contribuem para que o ser humano não perca referências fundamentais na construção de uma identidade coletiva que ajuda no reconhecimento do homem como sujeito histórico.

A memória transparece fundamentos de existência, fazendo com que a experiência vivida através de uma narrativa esteja integrada ao cotidiano, provendo significado e também evitando que se percam as raízes. A partir das memórias, pode-se

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

trazer à tona vozes de sujeitos que, durante muito tempo na história, foram silenciadas. Pode-se ainda investigar histórias de vidas e narrativas com grande potência de contribuição.

Tendo função primordial para história feminina, a memória é instrumento importante nos estudos sobre a História das Mulheres<sup>1</sup>, estudos esses que seguiram uma larga ampliação no decorrer do tempo. Anteriormente, as mulheres eram muito pouco relatadas na história e, quando apareciam, relacionavam-na de forma alegórica, submissa e secundária. Muito dessa ausência de narrativa foi resultado da falta de fontes, o chamado “silêncio dos arquivos” (PERROT<sup>2</sup>, 1989), o qual consiste em que os procedimentos de registros privilegiavam o espaço público. E isso queria dizer privilegiar a história de homens. A mulher não estava presente nos bancos, no comércio, na política, em restaurantes, em discussões de grupo. Como afirma Perrot (1989),

A cidade do século XIX é um espaço sexuado. Nela as mulheres se inserem como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda que codifica suas aparências, roupas e atitudes principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido (PERROT, 1989, p. 10).

Para a historiadora, as mulheres possuem grande habilidade para guardar, conservar e transmitir as histórias vividas, individuais e coletivas dos grupos com os quais estabeleciam ligações; e, por sua capacidade de tecer redes e relações, são destacadas como “guardiãs da memória” (PERROT, 1989, p.13).

---

<sup>1</sup> A história das mulheres é o campo de estudos que visa resgatar a participação feminina ao longo do tempo, quebrando a lógica da história como algo predominantemente masculino, já que, durante muito tempo, houve um silêncio historiográfico em relação às mulheres. Inserido na perspectiva da Nova história, esse campo surge como definível nos Estados Unidos e Grã-Bretanha na década de 1960, e na França cerca de uma década depois, em meio à ascensão da segunda onda do feminismo. Alguns fatores contribuíram diretamente para o surgimento desse ramo, dentre eles: o Movimento de libertação das mulheres, desenvolvido a partir dos anos 1970, a presença significativa das mulheres nas universidades, e uma mudança na perspectiva histórica, na qual vários sujeitos passaram a reivindicar seu lugar na “escrita da história”, dentre eles, as mulheres. A partir de 1980, a história das mulheres se aproxima de categorias de análise de gênero, para explicar as relações de poder entre e mulheres e a invisibilidade feminina na história.

<sup>2</sup> Por mais de três décadas, a historiadora Michelle Perrot, uma das maiores estudiosas desse tema na França (e reconhecida no mundo todo), sentiu-se incomodada (e inspirada) por esses questionamentos, geralmente efetuados por colegas do sexo masculino, que a levaram a se engajar política e intelectualmente nesse projeto de escrita de uma “nova” história, em que as mulheres fossem incluídas (por direito e por importância) e não ficassem mais em silêncio (ROIZ, 2008, p.02).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vale ressaltar que a maior parte das produções de Michelle Perrot aborda a realidade das mulheres brancas do Ocidente, uma realidade contextualizada em outro espaço, pois, ao pensarmos numa materialização das lembranças associada à história das mulheres negras no Brasil, os objetos mudam.

Ainda sobre a memória das mulheres, Leandro Tedeschi (2015) ressalta que as memórias de mulheres inseridas em grupos sociais – sejam eles étnicos, produtivos, culturais, políticos, entre outros – constroem um conjunto de memórias compartilhadas e socializadas pelo seu gênero. Para este autor, o coletivo dessas memórias está marcado por tradições herdadas e por memórias individuais, com alguma organização social e uma estrutura dada por códigos culturais compartilhados (TEDESCHI, 2015).

Corroborando essa linha de pensamento, o sociólogo Maurice Halbwachs<sup>3</sup> (2013) pontua a contribuição da memória coletiva no processo de rememoração e a importância de que a memória individual esteja de acordo com a memória dos membros dos grupos. Para isso, é necessário que o indivíduo traga vestígios na rememoração para que testemunhos externos se transformem em lembranças. Para Halbwachs (2013), só se estará falando de memória coletiva, se se evocar eventos que também façam parte da vida em grupo da qual se faz parte:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Apesar do fato de as mulheres terem a função de guardar e preservar a memória da família, a falta de alguns instrumentos memorativos, na história das mulheres negras, resulta em algumas limitações. A mulher negra, com o seu passado escravocrata, foi impedida de ir à escola durante séculos, portanto, não sabia ler e escrever; não tinha como escrever diários, por exemplo. Se a memória da população negra foi controlada, imagine a memória das mulheres negras, as quais eram consideradas coisas, mercadorias e foram condenadas por uma memória colonizada, brancocêntrica e

---

<sup>3</sup> Halbwachs ao trazer para historiografia o termo “memória coletiva” explica que a lembrança precisa de um fio afetivo condutor construído através do convívio social, da relação que estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é baseada nas lembranças dos grupos os indivíduos fazem parte sendo assim influenciado por eles, como a escola, a família, o trabalho, grupo de amigos.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

falocêntrica, que representava a vida e a cultura do europeu, numa tentativa de apagamento da identidade da mulher negra.

Contudo, também foram as mulheres negras que, a partir de muita luta, resistência e preservação de seus elementos étnicos, reconstruíram uma identidade negra. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros: a identidade é elaborada, definida e redefinida na interação social. Além disso, há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade: memória e identidade são indissociáveis.

Nessa perspectiva, os terreiros de candomblé – lugar de memória e de resistência da população negra – constituem um lugar onde está um dos elos fortes da ancestralidade, com a memória afrodiáspórica<sup>4</sup>. Perpetrado por vários signos afro, como a música, a dança, os mitos, a vestimenta e a comida, o terreiro de candomblé é uma peça fundamental no processo de resistência da história negra brasileira.

Relacionando os fatos acima com a mulher negra, argumenta-se que pensar a memória afro-brasileira é pensar no papel da mulher negra de santo na História, que não foi contemplada para a perpetuação, mas, pelo contrário, procurou-se excluí-la dos registros nacionais. Nesse sentido, conhecer tal memória constitui um processo de resgate, de pesquisa e, portanto, de visibilizar o que, por muito tempo, ficou oculto.

Entretanto, não se pode deixar de considerar, no estudo sobre memória feminina, a voz. Quando Michelle Perrot (1989, p.15) apresenta a ideia de que “a memória das mulheres é verbo”, ela demarca a contribuição da oralidade. Em muitas sociedades, as mulheres têm como missão narrar a história de suas comunidades, aparecendo, então, como porta-vozes de sua própria história.

Estabelecer lugares da memória para a história das mulheres foi uma tarefa árdua e, por isso, o testemunho oral foi e é muito utilizado. Para a mulher negra brasileira, foi necessário buscar e utilizar a oralidade, importante traço da tradição africana e estratégia e marca potente da diáspora negra, com a finalidade de resguardar

---

<sup>4</sup> Para Stuart Hall, o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2008, p. 32).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

suas histórias e mitos. O movimento da oralidade, do contar histórias a partir da memória, é bem conhecido e preservado pelas mulheres conhecidas como *griôs*<sup>5</sup>.

Historicamente, a mulher negra, no Brasil, ao se estabelecer com a escravização, tenta restaurar a identidade cultural, familiar e religiosa do seu povo numa forma de resistência e laço afetivo<sup>6</sup>. Nesse sentido, o terreiro de Candomblé torna-se símbolo e instrumento desse processo, pois carrega, além de uma herança cultural e religiosa desses africanos e seus descendentes, o elo que busca uni-los em uma única família, como uma forma de constituir elementos e marcas culturais, e tentar restaurar tudo que a escravidão destituiu.

Segundo Pollack (1992), a memória não está resumida apenas à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído e em parte herdado, porque ela é também constituída por personagens e pessoas que não são necessariamente contemporâneas, mas faz as pessoas do presente saberem de coisas como se as conhecessem.

As mulheres de santo negras<sup>7</sup> têm um papel importante no movimento de afirmação de uma identidade racial, seja criando novas estratégias, seja se aproximando ainda mais de suas raízes afro e assim preservando a memória. A figura feminina constitui elemento importante na cultura africana, o que também foi trazido para a cultura afro-brasileira. Mulheres fortes, guerreiras, inteligentes, astutas e sábias – que souberam encontrar uma maneira diferente de lutar, resistir e assim permanecer – assumem uma função vital no que se refere à mobilização nacional e internacional da população negra, bem como de diferentes outros atores sociais. E a memória vai cumprindo seu papel, pois permite uma reconstrução do passado, proporciona voz e vez aos oprimidos, ofuscados e discriminados pelo discurso de poder.

---

<sup>5</sup> Mulheres ou homens que têm por ofício guardar e ensinar a memória cultural na comunidade. Elas armazenam séculos e mais séculos de segredos, crenças, costumes, lendas e lições de vida, recorrendo à memorização.

<sup>6</sup> *Banzo* é uma palavra que, segundo Nei Lopes, no *Novo Dicionário Banto no Brasil*, tem origem na língua Quicongo, *mbanzu*: pensamento, lembrança; e no Quimbundo, *mbonzo*: saudade, paixão, mágoa. Para ele, “Banzo é uma nostalgia mortal que acometia negros africanos escravizados no Brasil”. Nos dicionários oficiais de língua portuguesa, os dicionários brancos, *banzo* é definido como saudade da África, ou como forma de adjetivação de pessoa triste, pensativa, atônita, pasmada, melancólica. Disponível em: <<<https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espírito-negro/>>>.

<sup>7</sup> *ekedis*, *yalorixás*, filhas de santo, *makotas*, mãe pequena, adeptas do candomblé.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Mulheres de santo negras

Quando se fala em Candomblé, religião de matriz africana do Brasil, as mulheres negras têm um papel de destaque, e isso advém do período pós-escravidão.

Em relação a isso, Pierre Verger (1992) escreveu que as mulheres acabaram sendo alforriadas antes dos homens e, como elas já traziam o conhecimento, um vínculo com a religião, as primeiras casas que surgiram no Brasil foram conduzidas por mulheres e, ainda hoje, a maioria das casas dessa religião é conduzida por mulheres.

Verger, em suas observações sobre o candomblé da Bahia, afirma que a presença das mulheres no candomblé se fazia sentir mais do que a dos homens, por elas serem mais numerosas em poder comprar a sua liberdade (como eram boas comerciantes, conseguiam dinheiro com mais facilidade que os homens) e “uma vez emancipadas, elas podiam mais facilmente dispor do dinheiro necessário à prática dos cultos africanos” (VERGER, 1992, p. 102). Os homens provavelmente eram mais aproveitados nos trabalhos com uso de força física. Como Cunha (1985 apud BERNARDO, 2005, p. 8) afirma,

houve discriminações: beneficiava-se primeiro, em extraordinárias proporções, as mulheres [...] estas disparidades são maiores se for levado em conta que a proporção dos sexos na população escrava pendia fortemente para os homens, vistos como economicamente essenciais (CUNHA, 1985 apud BERNARDO, 2005, p. 8).

Esse panorama importante nas trocas não é inédito e recorda a liberdade de circulação e o destaque nos negócios obtidos pelas mulheres iorubás, uma tradição que aqui se adaptou e continuou. Bernardo (2005) destaca que as mulheres iorubás ocupavam com relevância o lugar social, ressaltando não somente as trocas de bens de consumo, como também de bens simbólicos nesses espaços – a circulação de notícias, o estreitamento das relações sociais, as negociações familiares.

A fama de serem boas comerciantes acompanha a mulher iorubá na diáspora da África para o Brasil, onde muitas se tornam escravas ganhadeiras, mulheres negras que saíam as ruas vendendo produtos para seus senhores. A pesquisadora Cecília Moreira Soares (1996, p. 57) relata que elas “eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantia previamente estabelecida” e que “o que excedesse o valor combinado era apropriado

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pela escrava, que podia acumular para a compra de sua liberdade ou gastar no seu dia-a-dia”.

A autora Ruth Landes (2002) se concentrou em pesquisar o candomblé, mas a partir do olhar feminino da religião. Mesmo sendo muito criticada no meio acadêmico por estudar a mulher em sua pesquisa, ela investigou e apresentou, no livro *A Cidade das Mulheres* (2002), a centralidade do sacerdócio feminino para o candomblé. Segundo ela, a preeminência das mulheres afro-baianas na vida baiana, há muito era evidente, o que era reconhecido, primeiramente pelas mães-de-santo, claro, mas também pela elite local, com uma má intenção. A autora reconheceu a posição de líderes que as mulheres negras ocupavam na vida cultural e religiosa da Bahia, ficando bastante impressionada com estas sacerdotisas, que pareciam ter todas as liberdades que Landes via serem negadas a ela mesma. De acordo com o antropólogo Marlon Marcos Passos (2016, p. 62),

O sentido de mundos femininos frente ao domínio patriarcal e machista da sociedade baiana nos anos 30 (e certamente até os dias atuais) é fundamental para se falar da fundação de um terreiro entre os anos de 1936 e 1937, por uma mulher que, não necessariamente sozinha, através do seu comércio de alimentos sustentou durante anos uma comunidade, exercendo poderes simbólicos e concretos e ajudando a reescrever a história de tantas outras pessoas que passaram por seu caminho. A mãe que é líder, educa e alimenta, ampara espiritualmente, feminiliza o trabalho e o comando da casa, alcança as ruas como meio de sustento, incide-se sobre uma noção de liderança política localizada (a comunidade terreiro) que valida o pensamento etnográfico da importante obra *A cidade das mulheres*, da antropóloga Ruth Landes (2002) (PASSOS, 2016, p. 62).

O autor Edson Carneiro (1984) também demarca essa presença das mulheres em estudos sobre candomblé. Quando chegou a lançar a ideia sobre a presença feminina no candomblé, Carneiro admitiu que “candomblé é coisa de mulher”. Com essa frase, ele quis enfatizar o seu caráter privado, como uma prática “essencialmente feminina, familiar, interna, e distante das lutas nas quais os homens caçam o seu pão de cada dia” (CARNEIRO, 1984, p. 48). Apesar de essa afirmação ser contraditória, pois as mulheres negras desde a escravidão exerceram atividades não remuneradas e remuneradas (como ganhadeiras, por exemplo) e, no período pós-abolição, estavam nas ruas com suas

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

bancas de quitutes, vendas de artigo de candomblé, trabalhos domésticos, etc., Edson Carneiro é grande referência nos estudos sobre Candomblé.

No Candomblé, essas mulheres se destacam como lideranças de seu Ilê, como Ialorixás, à frente de movimentos contra a intolerância religiosa, a favor da educação, contra a violência contra a mulher, entre outras causas, bem diferente do papel desempenhado no mundo patriarcal. Para a filósofa Sueli Carneiro (2015), os processos de afirmação identitária, buscam, em instituições femininas da tradição religiosa, nas suas figuras míticas e nas ancestrais coletivas, os valores e modelos de insubordinação para confrontar a ordem patriarcal e racista.

As lideranças femininas negras do Brasil sempre estiveram à frente de grandes comunidades tradicionais (quilombos e terreiros), em entidades sociais de mulheres negras, escolas de samba, empresas solidárias, associações, coletivos e cooperativas. A matriz matrilinear e os vínculos solidários são referenciais importantes de reorientação sagrada e constroem, no meio social das lutas das mulheres negras, práticas continuadas de relações de cumplicidade, respeito e acolhimento com as demais diferenças.

Originalmente, o candomblé, no Brasil, se constitui como uma comunidade eminentemente feminina. Segundo Carneiro e Cury (2008, p. 123), “o passado de luta, a determinação e a resistência da mulher negra marcam profundamente o povo de santo”, sendo as ialorixás “as grandes depositárias e transmissoras dos conhecimentos ancestrais herdados: seus mistérios e segredos, de sua magia”. (CARNEIRO; CURY, 2008, p. 124).

Quando uma mulher negra se integra nesse universo, sua identidade vai sendo moldada, constitui-se uma nova visão de si, da sua conduta social, do seu papel no mundo, sua personalidade. Todos esses fatores contribuem para uma formação identitária que se quer buscar, para a superação das subalternidades.

## **Mulheres de Santo Negras Insurgentes: Mãe Aninha, Mãe Stella e Makota Valdina**

As mulheres de santo negras, durante muito tempo, estiveram alocadas dentro do estereótipo descrito por autoras como Ângela Davis e Lélia Gonzalez, uma representação negativa das mulheres negras, as quais criam um imaginário dessas como

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a “mulata”, a empregada doméstica, a amante, entre tantas outras derivações impostas pelo que entendemos hoje como estigma da mukama (GONZALEZ, 1985; 2008). Isso foi reforçado na nomenclatura de mãe de santo dada a ialorixá, representando-a sempre como uma figura forte e tenra.

Foram elas que se colocaram à frente na luta pela resistência da cultura afro, do homem negro, da mulher negra, do candomblé; e foram elas que lutaram pela educação e moradia da população negra.

Marcos Rezende, autor de *Mulheres de Axé* (2013), relata a contribuição dessas mulheres no engajamento sociopolítico, pelo respeito e valorização da cultura negra e da pessoa negra. Criaram propostas sociais relacionada à saúde, à cidadania e à educação para as pessoas do seu terreiro e da comunidade que está em seu entorno. Trouxeram experiências de educação escolar para esses espaços, ergueram escolas com a perspectiva de trabalhar pelo viés da cultura afro brasileira. Elas não só herdaram essa iniciativa de propostas educativas do período pós-abolição, como também lutaram pelo contínuo problema que a população negra ainda enfrenta com o acesso à educação.

Ialorixás, Mam’etus, Makotas, benzedadeiras, lavadeiras, vendedoras, comerciantes, pensadoras e educadoras zelaram e lideraram movimentos de cuidar. Elas resistiram, subverteram a crueldade escravagista do colonizador, cultivaram suas culturas ancestrais disfarçadas nos quintais ou no fundo dos terrenos, reexistiram e reconfiguraram. Essas mulheres trabalharam nas frestas do poder e conseguiram delimitar seu espaço no seio de uma sociedade machista. Nas palavras de Landes (2002),

as mulheres negras encontraram mais reconhecimento, do seu próprio povo... Uma distinta sacerdotisa chamou a sua cidade de Roma Negra, dada a sua autoridade cultural; foi aqui que as mulheres negras atingiram o auge de eminência e poder, tanto sob a escravidão como após a emancipação. Controlando os mercados públicos, as sociedades religiosas e também suas famílias” (LANDES,2002, p.112).

Eugenia Ana dos Santos, Mãe Aninha foi essa mulher. A Iya Oba Biyi, filha de africanos, fundadora da comunidade-terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (1910), foi um exemplo de mulher negra e liderança religiosa que lutou contra opressão do povo negro após a escravidão. Mãe Aninha, que era analfabeta na língua portuguesa, compartilhou todo seu saber sobre o candomblé com a comunidade negra soteropolitana do período.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vale salientar que muito do que se executa em terreiros ainda hoje tem a influência dos conhecimentos dessa ancestral.

Ela teve como principal pauta, em seu engajamento, a luta para o fortalecimento e proteção ao culto do candomblé no Brasil, além de garantir condições para o seu livre exercício. Através do ministro Osvaldo Aranha, que era seu filho de santo, Mãe Aninha provocou a promulgação do Decreto Presidencial nº 1202, no primeiro governo de Getúlio Vargas, pondo fim à proibição aos cultos afro-brasileiros em 1934.

Mãe Aninha em sua trajetória de mulher negra de santo engajada é uma das memórias mais incisivas para o processo construtivo do que hoje se trata como sendo a reclamação de políticas públicas para população negra, pois, como dito no parágrafo anterior, por intermédio dela, conseguiu-se detectar a presença feminina num contexto político nacional, como articuladora da promulgação do Decreto Presidencial n.º 1.202.

Outro grande exemplo de liderança feminina foi Mãe Stella. Autora de livros e de inúmeros artigos, Maria Stella de Azevedo Santos, ou simplesmente Mãe Stella<sup>8</sup>, foi a primeira ialorixá a escrever sobre a religiosidade e os saberes de matriz africana. Assim, adentrou os espaços tidos como de construção do conhecimento, através do que aprendeu como candomblecista.

Sua estreia na literatura, em 1988, aconteceu com a publicação do livro *E daí aconteceu o encanto*, em parceria com Cléo Martins, no qual a autora rememora as raízes do Opô Afonjá e de suas primeiras ialorixás. Além desse, Mãe Stella publicou os volumes *Meu tempo é agora* (1993), uma espécie de livro-manual para a formação de seus filhos-de-santo, que se tornou o mais famoso; e *Òsósi - O caçador de alegrias* (2006), uma seleta dos *itans* (narrativas míticas) de Oxóssi, orixá para o qual foi iniciada. Lançou também, em 2017, *Òwe-Provérbios*, uma coletânea de ditos iorubanos e brasileiros acompanhados das interpretações da escritora. Passeou ainda pela literatura infantil, com o livro *Epé laiyé - terra viva* (2009), onde narra a história de uma árvore que ganha pernas e vai lutar pela construção de um mundo que respeita o meio-ambiente.

---

<sup>8</sup> Em 2012, publicou o volume *Opinião* – uma reunião de crônicas selecionadas entre as que a ialorixá publicou no jornal soteropolitano *A Tarde*, o qual, durante muito tempo, produziu matérias de escárnio ao candomblé e apoiava a perseguição à religião. Portanto, o fato de Mãe Stella estar nesse espaço é de uma importância tamanha para a comunidade negra e candomblecista.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O povo de santo utilizou a escrita colonizadora para se inserir nos espaços, transformando a oralidade em texto, como tática<sup>9</sup>. Desse modo, soube utilizar a ferramenta do colonizador para, assim, representar a memória afro-brasileira e apresentar a ciência produzida pelo povo preto. Chegou-se assim à produção de um conhecimento que não está centrado no eurocentrismo, mas é um conhecimento baseado na diáspora negra, no que foi preservado como tradição e cultura, dos traços, dos fragmentos deixados pela herança de suas antepassadas.

Mãe Stella recebeu diversos prêmios literários, sendo considerada “imortal” pela Academia de Letras da Bahia (ALB), onde ocupa a cadeira 33, que tem como patrono o poeta, escritor e abolicionista Castro Alves. Foi doutora *honoris causa* pela UNEB, participou de congressos acadêmicos voltados para a questão da religiosidade, redigiu diversos artigos em jornais e revistas sobre as questões atinentes às comunidades de terreiro e recebeu vários prêmios, como a Medalha de Ordem ao Mérito da Cultura, do MinC, na classe Comendador, no ano de 1999. A mulher de santo negra Mãe Stella levou a milhares de pessoas a ciência produzida e executada no candomblé.

Além delas, Makota Valdina é mais um exemplo de mulher negra que se destacou na produção e preservação de uma memória negra. Professora, líder religiosa e comunitária, foi proclamada “Mestra dos Saberes”<sup>10</sup> em 2005, pela Prefeitura Municipal de Salvador. Lecionou português nas Ilhas Virgens a um grupo de estrangeiros que viriam ao Brasil pelo Corpo da Paz. Recebeu diversas condecorações, como o Troféu Clementina de Jesus (UNEGRO), Troféu Ujaama, Medalha Maria Quitéria e, em 2013, lançou o livro *Meu Caminho, Meu Viver*. Ela esperava que o livro motivasse as pessoas a registrar suas histórias, principalmente os negros, pois “a história de vida de cada negro é parte de uma história coletiva que ainda está por ser verdadeiramente conhecida por muitos” (entrevista cedida à Revista Palmares em 2005 por Ubiratan Castro). Em sua passagem pela Flica<sup>11</sup>, em 2013, a intelectual Makota explicou o seguinte:

---

<sup>9</sup> Michael de Certeau, 1994.

<sup>10</sup> Lei 8899/03 | Lei nº 8.899 de 18 de dezembro de 2003 – do governo do estado da Bahia Art. 2º - Será considerado, para os fins desta Lei, como Mestre dos Saberes e Fazeres da Cultura Tradicional Popular do Estado da Bahia e, para tanto, Tesouro Vivo, apto, na forma prevista nesta Lei, a ser inscrito junto ao Registro dos Mestres dos Saberes e Fazeres, a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de determinada comunidade estabelecida no Estado da Bahia.

<sup>11</sup> Feira Literária de Cachoeira

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“A nossa negritude sempre foi exportada como algo mágico, como algo folclórico e não como a cultura de um povo. Mesmo porque nós ainda lutamos contra racismo, preconceito e discriminação. Quando me tornei uma ativista e que comecei a falar de uma outra maneira, mostrando o candomblé, mostrando o sujeito de quem vive, eu me dei conta que nós éramos objeto de pesquisa, alguém falava sobre nós. Então foi intencional empunhar essa bandeira religiosa para desconstruir uma série de estereótipos e teorias desenvolvidas sobre nós e que eu considero ainda inverdades. É preciso que cada vez mais sejamos sujeitos de nossa fala, nossa escrita, de nossa história. É preciso parar de ser objeto. É preciso dar essa voz, dar esse espaço. Nesse ponto eu acho importante o fato da Flica me convidar, porque eu acho importante eles me darem um espaço para poder falar sobre isso, além de estar em uma mesa junto com Pepetela<sup>12</sup> e, por meio dessa oportunidade, desconstruir essa imagem”, completou a educadora (entrevista cedida ao G1 em 17/10/2013).

Nesse sentido, vale ressaltar a afirmação de Makota Valdina<sup>13</sup> (nome pelo qual Valdina Pinto era conhecida) de que “é preciso ser sujeito dessa história e não objeto”. Além de se colocar como sujeito histórico, a professora argumenta sobre tomar as rédeas do que foi propagado sobre o candomblé, sobre os negros e sua História. Makota Valdina, abordando a revisão histórica e o protagonismo, coloca o que foi erguido pela população negra durante séculos num lugar de valorização e respeito, sem folclorizações, mostrando que essa empreitada pode e deve ser feita pelo povo de santo.

Dessa maneira, mulheres de santo negras assumem uma múltipla representatividade, pois, além de representarem líderes, mães, avós, oráculos e feiticeiras, estão postas também como mulheres de muitos conhecimentos e saberes, transpassando o terreiro e conseguindo alcançar outros espaços. Isso ocorre através das palavras proferidas, as quais são construídas e imbuídas de um sagrado, de filosofia africana, de um saber ancestral que foi construído tanto no meio social (com outras pessoas e com seu grupo, com quem veio antes delas/seus antepassados) quanto no

---

<sup>12</sup> Natural de Benguela, Angola, licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA, político e governante. Desde 1984, é professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda. Ganhou o Prêmio Camões em 1997, considerado o prêmio mais importante voltado a autores de língua portuguesa, pelo conjunto da sua obra. Pepetela é autor de vários livros, com destaque para “Mayombe” (1980) e “A Geração da Utopia” (1992).

<sup>13</sup> Makota Valdina costumava falar sobre a expressão “Makota”, que não era o nome dela. Ela era Professora Valdina, e Makota Zimewanga era o cargo e nome religioso recebido por ela em 1975, no terreiro Tanuri Junsara. Professora Valdina era, antes de mais nada, a forma mais orgulhosa e entusiasmada que ela gostava de se referir sobre si mesma. Professora primária aposentada, ajudou inclusive no Engenho Velho da Federação na alfabetização de adultos (Revista Palmares, 2005).

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

meio religioso, o qual se confunde com o meio social, já que o terreiro de candomblé é uma grande comunidade onde há parentes de linha sanguínea e os não sanguíneos. A filosofia proferida nesse espaço forma pessoas com outras vivências, com outros arcabouços; é uma cosmovisão diferente.

## **Considerações finais**

As mulheres de santo negras têm um papel muito relevante na luta para o estabelecimento de signos de identificação, pois são as porta-vozes de um povo que foi vítima de um apagamento e de uma desconstrução histórica e cultural, mas que resistiu e ainda resiste, na sua dança, na culinária, na religiosidade, na música e no corpo. É preciso, portanto, perceber como a mulher negra é importante para a manutenção da cultura negra, visto que no Brasil cada vez mais elas assumem posições de importância na sociedade, dependendo menos da figura masculina.

A mulher negra revela a construção identitária e a identificação a partir da ancestralidade africana, fundamentada no valor ancestral da religiosidade. Buscar a identidade e uma espiritualidade por meio de elementos das religiões de matriz africana significa conhecer a si mesma e “(re)significar” sua própria história e conduzir a vida sob a regência das forças da natureza.

No candomblé, isso redimensiona o papel da mulher, tanto em uma esfera mística quanto no sentido social, pois esta religião acaba se constituindo não só como uma possibilidade que a mulher negra tem para realizar-se religiosamente, como também socialmente e politicamente.

Haja vista que, historicamente, foram as mulheres de santo que lutaram para garantir seus direitos perante uma sociedade patriarcal, machista e racista e que algumas dezenas de anos vêm ocupando posições importantes nos cenários social, político, cultural e religioso na Bahia, Mãe Aninha, Makota Valdina e Mãe Stella são alguns dos exemplos de uma imensidão de mulheres de santo negras que, de alguma forma, protagonizaram e tiveram visibilidade, causando mudanças e transformações. Elas não trabalharam sozinhas, mas foram porta-vozes desta imensidão de pessoas que continuam a lutar e resistir em meio a tantos enfrentamentos. A construção identitária baseada na procura das origens é uma construção que não negligencia os rastros

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

deixados pela palavra materna e projeta-se no respeito à alteridade e no reconhecimento da diversidade que existe na nação brasileira.

Com a tendência ao resgate de uma memória transatlântica, essas mulheres se tornaram multiplicadoras de conhecimentos dos quais não se envergonham e não se limitam ao papel de mães, ialorixás e feiticeiras, pois estas são representatividades que demonstram que o povo de santo/os povos negros possuem uma ciência secular abafada, negada e inferiorizada pelo colonizador e elas, mulheres de santo negras, estão como guardiãs e propagadoras de uma epistemologia legitimada pela resistência e pela luta.

## REFERÊNCIAS:

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. São Paulo: Arole Cultural, 2019.

BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: EdUnesp, 1992.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. **Mãe Stella de Oxóssi**: perfil de uma liderança religiosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 5. ed.

CARNEIRO, Sueli; PORTELLA, Tânia. **História e cultura afrobrasileira**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/noticias-de-educacao/786-historia-e-cultura-afrobrasileira>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

CARNEIRO, Sueli. Me ensinaram a ser mais branca do que negra. **Jornal Mulherio**, São Paulo, SP, ano IV, n. 18, 1984.

CARNEIRO, Sueli e CURY, Cristiane Abdon. “O poder feminino no culto aos orixás”. In: **Mulher Negra**. Caderno IV. Edição comemorativa Instituto Geledés da mulher negra, São Paulo: Instituto Geledés, 1993, 19-35.

SANTANA, Marcos. **Mãe Aninha de Afonjá**: um mito afro-baiano. Salvador: EGBA, 2006.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** (Trad. de Bernardo Leitão). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. 5. ed.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **IYÁ ZULMIRA DE ZUMBÁ: UMA TRAJETÓRIA ENTRE NAÇÕES DE CANDOMBLÉ**. Teses de Doutorado, UFBA. Salvador, 2016.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, nº18, p. 9-18, 1989.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. **O rei nasce aqui-Oba Biyi**: a educação pluricultural africano-brasileira. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SOARES, Cecília Moreira. “**As Ganhadeiras**: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX.”. In **AFRO-ÁSIA**, Nº 17, pp. 57-71; Centro de Estudos Afro-Orientais, Bahia, Salvador: EUFBA, 1996.

TEDESCHI, Leandro Antônio. Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero. **Dossiê: Relações de gênero, História, Educação e Epistemologias feministas**: O Centro-Oeste em debate. Goiás, v. 15, n. 2, jul/dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/o.v15i2.33931>> Acesso em: 05 set. 2020.

VERGER, Pierre. A contribuição especial das mulheres no Candomblé do Brasil. In: LIMA, Cláudia. **Artigos**, Tomo. São Paulo: Corrupio, 1992.